

MINICONTOS: DO MICRO AO MACRO

BATISTA, Liliane Francisca
FALE/UFMG.lillabatista@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho apresenta um projeto de letramento que prevê a recepção e a produção de minicontos. O objetivo geral é levar o aluno a conhecer e reconhecer o gênero miniconto, interpretá-lo e ser capaz de criar seu próprio miniconto através de estratégias conscientes a partir de temas atuais. Este projeto foi pensado para alunos de 8º ano, em especial, da Escola Municipal Imaco, de Belo Horizonte.

Palavras-chave: Miniconto. Leitura. Literatura.

1. Introdução

Este estudo visa analisar uma experiência em sala de aula com a recepção e a produção de minicontos, tendo em vista ferramentas e estratégias necessárias para significativo trabalho com o texto literário.

Será analisado o processo de ensino-aprendizagem, desde o momento em que o estudante toma o seu primeiro conhecimento relativo ao gênero miniconto em sala de aula até o momento da produção final e os resultados obtidos a partir da confecção de um livro.

2. O lugar da Literatura

Cândido (1995) concebe a literatura de forma abrangente, em que se fundem o popular e o erudito, a oralidade e a escrita, o sonho e a realidade. A literatura deve ser conceituada como: “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.” (CANDIDO, 1995, p. 3). Sendo assim, por que não nós, professores, garantirmos e defendermos, a partir da escola, esse direito aos nossos alunos?

Para corroborar essa ideia, basta nos lembrarmos de Barthes, em seu livro *Aula*, em que afirma que se todas as disciplinas devessem ser expulsas do ensino, é a literatura que deveria ser salva.

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário (BARTHES, 2007, p. 17).

Dessa forma, pensamos que é necessário oportunizar trabalhos que envolvam o estudo de literatura a partir de textos. E não só a literatura canônica, clássica, mas todo tipo de literatura, conforme proposto por Candido.

3. O miniconto dá lugar à literatura

Embora haja suposições opostas, pensamos que atualmente nossos alunos leem cada vez mais, se comparados com anos anteriores, em que não se havia, ainda, o uso difundido da internet e suas ferramentas de comunicação. Além disso, estamos permeados de mensagens curtas e instantâneas a todo momento, basta observarmos ao redor: outdoors, panfletos, mensagens de texto, famosas e curtas citações e frases de impacto nas redes sociais, dentre tantas outras leituras.

Se pensarmos nas exigências que o mundo contemporâneo nos traz e em toda a demanda tecnológica, por exemplo, leremos cada vez mais textos menores e cada vez menos textos muito extensos. Se os alunos questionam e criticam com tamanha frequência a extensão do texto que normalmente apresentamos a eles, de onde, então, partirmos?

A proposta não é obrigarmos ou impormos determinadas leituras ou determinados gêneros, mas incentivá-los a partir de um ponto que seja interessante, instigante e desafiador.

Unindo a isso o prazer e o direito à literatura, pensamos em uma forma de despertar e desenvolver nos nossos estudantes algumas habilidades de leitura e produção de textos contemporâneos, trazendo-os à literatura e levando até eles algo que fosse mais próximo da sua realidade. Através desse trabalho seria possível também, posteriormente, capacitá-los para a leitura de textos maiores e mais elaborados, partindo de estratégias pontuais de textos menores, mas não menos importantes. Assim, surge a ideia de se trabalhar em sala de aula com os minicontos.

É possível observar em nossas escolas como a leitura de minicontos é algo pouco frequente e pouco visto, e mesmo fora delas também, contudo é um gênero atual, que surge em função das novas demandas da sociedade, já que ler um conto ou um romance é algo que requer tempo, em função da sua extensão. A leitura de um miniconto é algo mais prático e rápido, que pode ser feito em segundos. De qualquer forma, é preciso algumas habilidades e competências para se ler e se entender um miniconto, pois o leitor desse gênero precisa ativar conhecimentos e estratégias nem tão simples para que o texto cumpra seu papel.

A ideia que se tem de miniconto vai muito além de “um conto pequeno”, pois no miniconto, mais importante que mostrar, é sugerir. Ao leitor, é deixada a tarefa de preencher as elipses narrativas, os espaços em branco e ir além do que as linhas escritas são capazes de dizer. Algumas das características do miniconto são: concisão, narratividade e totalidade. Um dos minicontos mais famosos é o do estadunidense Ernest Hemingway, em que se supõe uma tragédia familiar: “Vende-se um par de sapatos de bebê. Nunca usados.”.

A partir de uma proposta interessante e instigante, é possível ser feito um significativo trabalho partindo da realidade vivenciada pelo aluno em seu cotidiano em direção à produção de minicontos, que embora sejam textos curtos, possuem um viés literário, que nos exige uma leitura bastante proficiente e a capacidade de compreensão que vai além daquilo que está escrito no papel.

4. O macro

A produção do material empírico dessa proposta foi realizada com três turmas de 8º ano e teve como objetivo a produção de um livro de minicontos confeccionado a partir da leitura e escrita desse gênero por esses alunos. A duração do projeto pressupõe em média todo o ano letivo, tendo em vista que para a produção de um livro, além de todo o trabalho relativo ao gênero, à sua recepção e produção, é preciso também momentos relacionados à revisão, ilustração, montagem, e, finalmente, à apresentação do livro para a comunidade escolar.

5. O micro

Aos estudantes, é importante apontar, no trabalho que se faz com o gênero minicontos, estratégias que devem ser utilizadas para sua compreensão e características que contribuem para seu efeito de sentido que gera surpresa e impacto ao final. Os alunos devem ser levados a perceber que com pouco se diz muito e que até mesmo aquilo que não foi dito pode e deve ser mais importante do que aquilo que está abertamente exposto.

É importante que os alunos tenham acesso a um farto número de minicontos. É interessante que eles saibam que existem concursos de minicontos na internet e tenham acesso exatamente a esse minicontos, para entenderem que “pessoas comuns” também escrevem e se sintam, assim, capazes e motivados a criarem os seus.

6. Do micro ao macro

Outro ponto importante é a escolha de um tema comum. Aos alunos do 8º ano foi sugerido o tema “família”, pensando em todas as delícias e as dores de ser a família que se é. No trabalho desenvolvido em sala, os alunos foram incentivados a pensarem em “casos de família”, em experiências fortes vividas no recanto do lar, em surpresas, fossem elas agradáveis ou não, em casos irônicos, trágicos ou dramáticos. Assim, partimos das experiências pessoais de cada aluno, que de forma lapidada e processual, transformaram lembranças e dores em significativos minicontos.

Durante a confecção, toda a produção foi sendo exaustivamente revisada. A mudança de uma vírgula de lugar para criar topicalização, a troca de um ponto final por um ponto de exclamação, a sugestão de uma pergunta em lugar de uma exclamação, a troca de palavras que pudessem sugerir e não revelar, tudo isso foi acontecendo num processo de experimentação. Cada alteração devia ser bem pensada e analisada, já que não podíamos aumentar a extensão do miniconto, mas também não poderíamos apenas cortar partes.

Nesse processo, a reescrita dos minicontos demandou bastante tempo, atenção e boa vontade dos alunos. Acima de qualquer inspiração, houve, principalmente, muita

transpiração no intuito de lapidar a produção inicial. Nesse sentido, no que diz respeito à reescrita de um texto, Fiad afirma dever:

[...] ser entendido no interior de uma concepção de escrita como um processo, diferente de uma concepção de escrita como um produto. Quando perguntamos “o que escrever?” ou “como acontece a escrita?”, uma resposta corrente e banal remete aos conceitos de dom e inspiração, ou seja, escreve-se quando se tem o dom para escrever e quando se tem inspiração para escrever. Outra resposta, mais embasada em estudos e pesquisas, e possível ser levada para a prática pedagógica, diz que a escrita é resultado de um trabalho realizado pelos escreventes, seja na escola, seja nas diferentes situações sociais em que acontece. (FIAD, 2014, p. 285)

Assim, todo esse trabalho deu lugar às seguintes produções com os seguintes temas escolhidos pelos próprios alunos:

- Separação: “No jardim, brincávamos. Corremos em direção à mamãe. Ganhamos um abraço gostoso e quente. Lágrimas caíam. Ela foi em direção ao portão com suas malas na mão.”
- Avô: “Gírias na boca, fones nos ouvidos... Um jovem!!! Não. É apenas meu avô indo a um passeio comigo.”
- Sonho: “Nasci... dei uma crescidinha... desenvolvi um sonho. Meu pai e minha mãe me incentivavam, só que... opa!!! Mais uma janela quebrada.”
- Animal de estimação: “Chegamos em casa e abrimos o portão. Estranhamos porque o cachorro não veio em nossa direção. Deparamos com ele no chão. Nenhum batimento no seu coração.”
- Alcoolismo: “Chegando naquela noite, meu pai não parecia estar bem. Perturbando os vizinhos e a mim também. Esse é o efeito do álcool, que não pode ser controlado.”
- Acidente: “Parecia apenas mais uma viagem divertida, mas foi muito mais que uma tragédia. Quem ele iria visitar, agora está a lhe esperar.”
- Morte: “Cheguei todo alegre da escola, pois iria viajar. Fiquei sabendo que o motivo da viagem mudaria. Minha bisavó, a anfitriã, não nos receberia. Ela já não estava mais lá, pois tinha partido para outro lugar.”

Num trabalho em conjunto com a professora de Artes, quanto às ilustrações, cada aluno escolhia um miniconto e criava sua representação, ao que selecionamos os mais representativos.

Após a produção do livro num contato via design e gráfica, cada aluno recebeu o seu exemplar num momento de “Manhã de autógrafos”, em que foram chamados ao microfone para receber seu livro e autografá-lo para seu familiar. Os alunos tiveram a oportunidade de sentirem-se escritores, de levarem orgulho aos pais num processo que para além da produção escrita ganharam também autoconfiança e autoestima.

7. Conclusão

Por meio dessa análise, pudemos concluir como se faz necessário o trabalho com novos e outros gêneros que não apenas o escolar ou o jornalístico. É preciso propiciar espaços em nossa sala de aula, em especial, à literatura e, por meio dela, a gêneros que se passam por menores ou menos interessantes, como miniconto, cordel, poema visual ou outros gêneros que não são literários, mas que fazem parte da realidade dos nossos alunos, como os próprios comentários nas redes sociais, as *hashtags*, nuvem de palavras...

De qualquer forma, é preciso que o professor esteja aberto às novas demandas e se sinta capaz, buscando novas propostas, sentindo-se motivado e, acima de tudo, acreditando e aprimorando o seu próprio trabalho.

Referências

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FIAD, Raquel Salek. Reescrita. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da; COSTA VAL, Maria da Graça; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (Org.). **Glossário CEALE**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/reescrita>>. Acesso em: 05 jun. 2017.